

S.A.M.\*

Não havia mais nada que pudesse fazer a não ser esperar. Do lado de fora, a chuva castigava o telhado e apodrecia a terra sob a grama; lama e água turva substituíam o verde. Ele se afasta da janela para jogar algumas lascas na lareira, mas isso pouco fazia contra a umidade que escorria das paredes, oleosa e transparente. Depois de cuidar do fogo, considera mais uma vez o vinho. Não acredita que a bebida possa prejudicá-lo de alguma forma, mas até aquele momento não sabia se ela viria sozinha.

Ele estende a caminhada pelo restrito espaço da cabana, por entre as caixas. Ergue uma delas, conferindo o peso, e imagina que ela irá precisar de um veículo grande. Certamente um com tração nas quatro rodas para atravessar aquele aguaceiro.

Ela lhe parecia perspicaz, mas ele sempre teve uma reserva quanto às mulheres.

Costumam ser detalhistas ao extremo em questões triviais e, não raro, negligenciavam obviedades práticas.

Talvez ela já tivesse vindo na véspera, mas tivesse atolado o pequeno FIAT vermelho no qual a viu da primeira vez. Quem sabe estivesse em alguma vala com o pescoço quebrado.

Ou mesmo perdida pedindo ajuda improvável em alguma fazenda. Não queria subestimá-la a esse ponto, mas ficou brincando com a ideia durante algumas horas, dando cabo dos últimos cigarros.

Ouviu primeiro o som de lama e água sendo fendidas na estrada antes mesmo do motor da caminhonete. A tarde terminava mais cedo por conta da cobertura negra de nuvens ao redor. O veículo parecia trazer atrás de si o grosso da chuva e dançava

delicadamente sobre o gramado apesar da tração 4x4. Os vidros embaçados não permitiam ver se alguém a acompanhava. Não era possível saber sequer se era ela ou não, mas quanto a isso preferiu não guardar dúvidas.

Apanhou a pistola sobre a mesa e, pela quarta vez desde que se instalara na casa, conferiu se havia munição na câmara. Em seguida, a enfiou na cintura às costas, rente à coluna, no centro do corpo. Desse modo podia sacá-la com qualquer uma das mãos. Conferiu também a espingarda. Basculou os canos, retirou e recolocou os dois cartuchos, tornou a fechar e destravar a arma. Foi com ela no ombro até a porta. No caminho, parou junto ao lampião a gás pendurado no teto e diminuiu a chama ao mínimo. Quando a caminhonete estacou em frente à varanda, ele já estava ao lado da porta, mas só a abriu quando os faróis foram desligados. Segurava a espingarda com apenas uma das mãos apontando para baixo, mantendo-a oculta por uma das vistas da porta e apoiando o ombro direito contra o umbral.

O tempo que transcorreu entre esse contato preliminar e a abertura da porta do motorista não podia ser medido matematicamente.

Alguns espaços de tempo são tão relativos que só podem ser medidos por coisas subjetivas como a chuva que fustigava o telhado da casa e o teto do veículo. O silêncio — quebrado apenas pelo coaxar dos sapos num pântano nos arredores. O vapor que levantava do capô da caminhonete e se dissipava lentamente sob a luz difusa ao fundo, por trás de nuvens escuras ainda mais distantes.

Quando a porta finalmente se abriu, nada disso havia terminado.

Foi só quando ela percorreu aos saltos, por entre as poças, os dez metros que separavam a caminhonete da varanda, que o tempo retomou seu curso regular. Marcado em minutos e segundos.

Ele aguçou a vista em busca de algum movimento quando a luz interna se acendeu ao abrir da porta do carro.

Nada.

Em seguida, ela já estava na sua frente, ensopada dos pés à cabeça apesar do curto trajeto, sacudindo os cabelos loiros salpicados. Soltou um breve comentário sobre a chuva e fez menção de entrar na casa. Como ele não abre espaço, ela levanta as chaves do veículo em frente ao seu rosto.

— Quer conferir? Vá em frente.

Sem responder, ele se afasta para que ela passe, depois tranca a porta. Ela vai direto até o lampião e aumenta a chama. Tira a bolsa e o casaco de couro. Chegando à lareira, estende as mãos para se aquecer junto ao fogo. Volta-se para ele, que continua próximo da porta. Observa por um instante a espingarda em sua mão, depois o encara com olhar divertido. Ele sente algum embaraço, algo incômodo que não estava lá antes e que não deveria estar ali agora. De repente, a arma em sua mão passou a ser tão estúpida e inconveniente quanto um aríete em uma festa de aniversário. Após bascular os canos, a deixa sobre a mesa, sem retirar os cartuchos. Ela lhe dá as costas novamente e volta a se aquecer junto ao fogo.

— Esperava alguém ou estava saindo para caçar?

Ele não ri. Pega uma cadeira e senta-se a cavalo, os braços cruzados sobre o encosto.

— Força do hábito.

Ela bate as botas contra as pedras na base da lareira. Um pouco de barro se desprende e cai. Em seguida, apanha novamente a bolsa de onde retira um celular e um

canivete e se põe a abrir os lacres da primeira caixa no alto da pilha. No momento em que ela mexe na bolsa, ele se sente tentado a tocar a empunhadura da arma nas suas costas, mas resiste. A mulher se certifica do conteúdo da primeira caixa. Em seguida passa a conferir as inscrições em cirílico com as anotações de um cartão que retira do bolso da calça. Repete a operação com outras três caixas retiradas aleatoriamente da pilha. Apesar do peso, ela as movimenta sem muita dificuldade, apenas tomando cuidado para que não batam ao serem largadas no chão. Por fim, usando o celular, fotografa o conteúdo de uma delas. Teclando no aparelho, ela vai até a lareira e atira o cartão de conferência nas chamas.

— Satisfeita?

Ela o encara novamente:

— Estão todas aqui?

— Uma dúzia, conforme o combinado.

Sem parar de teclar no celular:

— Não pega sinal neste lugar?

— Não. Foi por isso que o escolhi.

— Preciso confirmar o recebimento.

— Você só terá recebido depois de terminarmos.

— E como irei saber se funcionam?

— Do jeito antigo. Mas não se preocupe com isso. São à prova de idiotas: é só disparar e esquecer. Se bem que idiotas costumam ser criativos.

Ele força um sorriso dessa vez. Ela nem tenta.

— OK. Acho que não há muito a fazer quanto a isso.

— Não. Não há.

A mulher era forte o bastante para que pudessem levar duas caixas de cada vez até a caminhonete. Mesmo encurtando o número de viagens, ficaram encharcados depois do traslado. De volta à casa, ele confere o pagamento. Examina com cuidado algumas notas retiradas ao acaso do meio de cada um dos maços. Ela quebra sua concentração.

— Tem alguma coisa para beber? Estou congelando com essa umidade.

Ele aponta para a garrafa de vinho sobre a pia, a rolha parcialmente inserida no gargalo.

— Eu vi uns copos no armário, ao lado do fogão.

Ela serve dois copos e lhe oferece um. Ele apanha o seu e o deixa sobre a cornija da lareira enquanto termina de conferir as notas. Ela termina a sua bebida e volta a se servir. Um tinto vulgar.

Ele fecha o zíper da mochila de náilon e a joga em um canto com falsa indiferença. Em seguida, apanha seu copo. O vinho lhe traz um travo metálico à boca.

— Preciso de duas horas de vantagem antes que você deixe a cabana. Pelo menos foram essas as instruções. Depois disso é com você.

— Não posso garantir nada. Você pode ter sido seguida.

— De noite? Com esse tempo? Nessa estrada? Qual é.

Era verdade e ele não se importava. Tencionava passar mais aquela noite na casa antes de pegar o barco e descer o rio. Sabia estar mais seguro ali do que em qualquer outro

lugar — ou pelo menos enquanto durasse a tempestade. Mas não diria isso a ela. A mulher apanha o casaco e segue em direção à porta.

— Duas horas.

É tudo que diz antes de sair, mas ele só se sente aliviado quando ouve o som do motor do carro se afastando. Permanece encostado ao lado da lareira até avistar, por uma fresta da janela, a sinaleira vermelha da caminhonete desaparecendo na escuridão. Concentra-se no barulho da chuva, tentando filtrar nele mais algum som. Sente a solidão reconfortante do primeiro dia se instalar novamente na casa, que só agora lhe parece segura.

Tem vontade de terminar a garrafa de vinho e quem sabe dormir um pouco. Quando acordasse, tudo estaria acabado; havia tempo de sobra sobre as duas horas combinadas.

Apanha os copos sobre a cornija, o seu e o dela. Contra a luz crepitante do fogo, as marcas de um batom vermelho.

— Mulheres...

Ele resmunga e quebra os dois copos em meio às brasas.

Na pia, ao lado da garrafa, o telefone e a bolsa.

Ele apanha o aparelho, mais decepcionado do que surpreso. Na tela desbloqueada o alerta de uma mensagem recebida horas antes.

Ele clica.

Não chega a sentir coisa alguma, nem dor, somente a luz e depois silêncio.

*\*(surface to air missile)*